

SEGURANÇA E GLOBALIZAÇÃO:  
A PERSPETIVA DOS ESTUDOS CRÍTICOS DE SEGURANÇA

Álvaro Moreira dos Santos<sup>a b 1</sup>

<sup>a</sup> Major de Artilharia, Oficial Adjunto do G3 da Brigada de Intervenção.

<sup>b</sup> Investigador Associado do CINAMIL - Academia Militar.

## RESUMO

A segurança é um conceito amplo e sem significado único. Depende do contexto político em que é concebida, onde as práticas são reflexo das teorias de pensamento. O fenómeno da globalização tem impacto nas questões de segurança. Em particular, a globalização económica tem aumentado as desigualdades entre centro e periferia, com impactos significativos no sentimento de segurança das sociedades. Este artigo procura analisar qual o impacto do fenómeno da globalização na segurança das sociedades da periferia do sistema internacional.

Procurar-se-á demonstrar que a segurança deve ser pensada além dos estudos tradicionais e que o fenómeno da globalização, em particular a globalização económica tem impacto pernicioso na segurança das sociedades da periferia do sistema internacional. Par tal, será argumentado que os eventos do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América, mostram a falência explicativa dos estudos tradicionais de segurança e que a globalização económica apesar de criar oportunidades, tem potencial para aumentar as desigualdades entre centro e periferia, diminuindo as possibilidades de emancipação das sociedades periféricas do sistema internacional e o sentimento de segurança.

**Palavras-chave:** Segurança; Globalização; Emancipação; Estudos Críticos de Segurança.

---

<sup>1</sup> Contactos: Email – [alvaro.moreirasantos@gmail.com](mailto:alvaro.moreirasantos@gmail.com)

Recebido em 04 de setembro de 2015 / Aceite em 10 de novembro de 2015

## ABSTRACT

Security is a wide concept with more than one meaning. It depends on the political context in which it is conceived, where practices are a reflex of theories. The phenomenon of globalization has an impact on security issues. In particular, economic globalization has increased inequalities between center and periphery with significant impacts on the feeling of society's security. This article analyzes the impact of the phenomenon of globalization in society's security on the periphery of the international system.

It will be demonstrated that security should be considered beyond traditional studies and that the phenomenon of globalization, especially economic globalization has pernicious impact on society's security on the periphery of the international system. Therefore, it will be stated that the events of September 11, 2001, in the United States, show the explanatory failure of traditional security studies and that economic globalization even though creating opportunities, has the potential to increase inequalities between center and periphery reducing the possibilities of emancipation of peripheral societies of the international system and the feeling of security.

**Key words:** Security; Globalization; Emancipation; Critical Security Studies.

## 1. INTRODUÇÃO

O fim da Guerra Fria marcou para sempre a história da humanidade. A esperança num futuro pacífico e estável, cedo se mostrou uma realidade utópica (Duffield, 2007: 1). De facto, assistiu-se a uma década de convulsão desconcertante caracterizada pela mudança, incerteza e conflitos (Jones, 1999: 93) internos e regionais na periferia do sistema internacional, onde o subdesenvolvimento, a pobreza, competição por recursos, exclusão social, criminalidade, (Duffield, 2007: 1) foram fontes dos conflitos negligenciadas na agenda internacional (Lynn-Jones e Miller: 1995: 4) (Acharya, 1997: 300).

Conflitos, denominados de “novas guerras” (Duffield, 2007: 1) (Kaldor, 2012: 1) inflamaram e ampliaram a agenda das teorias tradicionais de segurança – focadas nas questões estritamente militares durante o período da Guerra Fria – no seu objeto de análise, mostrando a necessidade de se repensar a segurança na agenda política. Neste contexto, os Estudos Críticos de Segurança surgem como alternativa a uma escola de pensamento tradicional, de cariz etnocêntrico, que apesar de muito trabalho, simplificou a realidade em favor da generalização. Desprezou a riqueza e diversidade de análise, a fim de obter uma caricatura simplista da complexa realidade.

Alternativa a uma escola que assume a existência duma completa harmonia entre os interesses dos indivíduos e do seu estado, atribuindo ao estado o *status quo* de ser o objeto referente de segurança, como pré-condição para o bem-estar individual dentro desse estado (Jones, 1999: 93-104). Ora, como Barry Buzan (1991: 44) afirma no seu livro “*People, States and Fear*” há aqui uma contradição na medida em que, o estado pode ser também uma ameaça para os seus cidadãos, através da prossecução de práticas inadequadas ou excessivas de policiamento, justiça deficiente, perseguição política, entre outros. É dentro desta escola de pensamento reflexivo e interpretativo da realidade social, que o presente artigo será desenvolvido, tendo por propósito analisar qual o impacto do fenómeno da globalização na segurança das sociedades da periferia do sistema internacional.

Assim, procurar-se-á demonstrar ao longo do artigo que a segurança deve ser pensada além dos estudos tradicionais e que o fenómeno da globalização, em particular a globalização económica tem impacto pernicioso na segurança das sociedades da periferia do sistema internacional. Para tal, será argumentado que os eventos do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América, mostram a falência explicativa dos estudos tradicionais de segurança e que a globalização económica apesar de criar oportunidades, tem potencial para aumentar as desigualdades entre centro e periferia, diminuindo as possibilidades de emancipação das sociedades periféricas do sistema internacional e o sentimento de segurança.

## 2. SEGURANÇA E GLOBALIZAÇÃO

O conceito de segurança é um conceito amplo e sem significado único. Todavia, é comum reconhecer-se que segurança representa a ideia de “estar ou sentir-se seguro perante ameaças ou perigos” (Booth, 2005: p.13). O seu significado depende do contexto político em que é concebida, onde as práticas são reflexo das teorias de pensamento. Deste modo, a concetualização de segurança é produto de diferentes entendimentos sobre o que a política é, ou deve ser. No campo ontológico, os estudos de segurança ampliam-se além da soberania estatal, onde os indivíduos e sociedades são objetos referentes de segurança. No campo epistemológico, é assumida a possibilidade do estudo do mundo social. Finalmente, os estudos de segurança servem de orientação para a prática que é explicitamente emancipatória (*idem., ibidem.*: 14-21). Neste acervo, a segurança e emancipação estão interrelacionadas, que por analogia se pode afirmar que são as duas faces da mesma moeda. Na teoria e na prática, a emancipação preocupa-se com a libertação de qualquer tipo de restrições (*idem., 2007*: 111). Para Booth (2007: 112).

*“a emancipação visa a segurança das pessoas das opressões que as travam de realizar o que livremente iriam escolher fazer. Isto fornece um quadro tridimensional para a política: uma ancoragem filosófica para o conhecimento, uma teoria de progresso para a sociedade e uma prática de resistência contra a opressão. A emancipação é a filosofia, teoria e políticas para inventar a humanidade”.*

Se se analisar a realidade tendo em conta o que atrás foi dito, o conceito de segurança ganha por certo maior profundidade e latitude, rejeitando a agenda ortodoxa dos estudos tradicionais de segurança. Uma agenda criada para justificar opções políticas em contexto histórico próprio, como o período da Guerra Fria que criou quadros de análise estritos da realidade, focando-se essencialmente nos equilíbrios estratégicos, desprezando a dimensão social e separou as esferas de atuação política, económica e securitária, pelo que oferece uma visão enviesada da complexidade da realidade social e por conseguinte da segurança.

Para Robert Cox (1981: 128). “... *Toda a teoria é para alguém e serve um propósito*”. Desta forma, os estudos de segurança devem ser também para os mais pobres, para os menos representados e para os que têm menos poder (Jones, 1999: 159), ampliando a agenda tipicamente etnocêntrica dos estudos tradicionais de segurança. As políticas emancipatórias não precisam de ser exclusivamente políticas do Ocidente. Uma política de segurança mais benigna necessita rejeitar o etnocentrismo e incluir na sua agenda a multiplicidade de vulnerabilidades nas diferentes partes do sistema internacional, bem como aceitar as diferenças culturais, étnicas e ideológicas (Booth, 2005: 181).

Os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, forneceram-nos a convicção de que a segurança não é um assunto exclusivo de, e para os estados. Os estados não são os únicos atores no sistema internacional. A complexidade dos eventos merece uma análise mais ampla e profunda daquela que os estudos tradicionais de segurança proporciona. Pois vejamos, a Al-Qaeda, o principal ator neste evento não é um estado, nem está organizada de forma semelhante a um estado, bem como não é um ator que procurou maximizar o seu poder.

Considerando as motivações – reação à modernização, enquanto processo emancipatório característico do Ocidente diametralmente oposto à identidade Islâmica –, o modo como foram concretizados os ataques e o modo como responder – se o Ocidente tem ou não o direito ou obrigação de libertar o povo Afegão dos Talibans –, estes são aspetos que não se encaixam na lente tradicional realista. Enquanto a resposta aos atentados pode ser entendida pelo Ocidente como o caminho para a emancipação, para muitos estados Islâmicos pode ser entendida como justificação da potência imperialista (Smith, 2005: 27-43). Assim, é importante perceber que segurança e emancipação, inseridas num contexto político, podem ter origem geográfica, cultural e ideológica distinta e diversificada do Ocidente. A natureza dos ataques de 11 de setembro mostra também que o fenómeno da

globalização tem impacto nas questões de segurança. A tecnologia, as comunicações e a liberalização de mercados dão robustez às ameaças assimétricas. Verifica-se aqui a presença de três novos elementos do impacto do fenómeno da globalização nas questões de segurança. Primeiro, a noção do estado como barreira protetora contra ameaças externas perdeu folego. Segundo, a capacidade de grupos terroristas utilizarem a tecnologia disponível ao nível global como ameaça. Terceiro, os terroristas estavam interconectados através duma rede global desde os Estados Unidos, Europa, Médio Oriente, a começar no Afeganistão (Kay, 2006: 2). Por certo, a análise profunda de eventos como o de 11 de setembro, traz à tona a falência explicativa dos estudos tradicionais de segurança, adensados na hipertrofia da estratégia e no estado como principal ator do sistema internacional. Forças sociais constituem-se também como um ator com relevância e capacidade de intervenção no sistema internacional. Vimos até aqui que o fenómeno da globalização introduz novos desafios à segurança ao nível global. Mas, e nas periferias do sistema internacional? Que impacto tem este fenómeno, em particular a globalização da economia, para a segurança individual e das sociedades periféricas do sistema internacional? Concentremo-nos no modo e no momento em que este fenómeno é exportado para as periferias e nos resultados que produz.

Stiglitz (2002: IX-X), antigo assessor de economia de Bill Clinton e funcionário do Banco Mundial ao qual foi atribuído o prémio nobel da economia, reconhece o efeito devastador da globalização nos países em desenvolvimento, especialmente para as pessoas de poucos recursos nesses países. Acredita que a globalização económica – processo de remoção das barreiras ao livre mercado e a integração das economias – tem um potencial de enriquecimento para todos, ricos e pobres. Contudo o modo como a globalização tem sido gerida e as imposições colocadas aos países em desenvolvimento necessitam de ser radicalmente pensadas. As decisões tomadas ao longo dos anos nem sempre resolveram os problemas, mas ajustam-se aos interesses dos que têm o poder. Neste sentido, a globalização económica tem potencial para aumentar as desigualdades entre Centro e Periferia. Segundo Booth (2007: 349), a desigualdade tem efeitos perniciosos para a segurança. Enquanto processo impositivo, a globalização suscita servir o interesse imperialista do Ocidente, diminuindo as possibilidades de emancipação e o sentimento de segurança individual e das sociedades da periferia do sistema internacional.

Por outro lado, é necessário também entender o contexto histórico e as contingências regionais em que o processo de globalização económica é implementado nas periferias. O processo de descolonização nomeadamente na Ásia, África e Médio Oriente trouxe para o sistema internacional um conjunto de estados soberanos desenhados arbitrariamente no período colonial em contradição com os laços étnicos e religiosos. Contradição que diminui a coesão política interna

e fortalece a potencial divisão entre os interesses de segurança do estado e da sociedade. Este tipo de Estados estão sujeitos à agitação política interna, separatismo e movimentos de insurgência. Para além disso, o legado do colonialismo colocou estes novos estados em desvantagem económica para manter a sua estabilidade interna. A posição dos estados periféricos foi agravada no período da Guerra Fria. A divisão das regiões entre ideologias e economias políticas em competição nos blocos socialistas e capitalistas criaram o legado da confrontação militar e o intervencionismo das superpotências. Durante a Guerra Fria, a ajuda dada pelas superpotências aos aliados, alinhados ou não-alinhados nas periferias para assistir o seu progresso económico teve também outro efeito, deixaram-nos expostos às forças do capitalismo liberal no final e aos custos de segurança a ele associados.

Assim, o processo de implementação da globalização teve impacto na estabilidade política, económica e societal das periferias do sistema internacional. Primeiro, produziu exclusão económica para alguns estados e sociedades, que resultou em confrontos internos nas periferias. Segundo, produziu rivalidade nas periferias por recursos económicos escassos, tais como energia, comida, água, entre outros. Terceiro, produziu deslocação económica dentro dos estados. A globalização em conjugação com os efeitos da descolonização e bipolarização diminuíram a soberania dos estados, nas áreas onde o controlo da soberania pelos estados era fraca, como nos casos do Afeganistão e Somália. Lugares onde os grupos terroristas e grupos de crime organizado podem praticar atividades ilícitas com pouca ou mesmo nenhuma interferência. (Hughes, 2002: 9-15).

Finalmente, o legado do colonialismo e o processo de descolonização mostram-nos relações mais e menos formais de exploração entre centro – símbolo de modernidade e industrialização – e periferia – fornecedor de matérias-primas e mão-de-obra barata. Relação que representa uma nova expressão de hierarquia da economia capitalista mundial na produção de riqueza, remetendo a periferia ao subdesenvolvimento e subordinação das políticas emancipatórias próprias do centro. A agenda neoliberal que triunfou no pós-Guerra Fria promoveu a liberalização dos mercados e incrementou o poder económico privado. Factos que vulnerabilizaram muitos estados periféricos, com necessidades de implementar reformas estruturais da economia nacional. Aqueles que, ao nível interno se estavam a consolidar, ficaram expostos às economias consolidadas do centro. Problemas que foram agravados pela incapacidade dos estados periféricos sob a dominação das instituições financeiras internacionais neoliberais criarem práticas políticas de redistribuição dos custos com efeitos perniciosos para a segurança, diminuindo as possibilidades de emancipação das sociedades periféricas do sistema internacional e o sentimento de segurança (Fierke, 2007: 150-152).

### 3. CONCLUSÕES

A segurança não é um assunto exclusivo de, e para os Estados. O estado não é, nem tem que ser o único objeto referente de segurança. Existem outros objetos referentes de segurança abaixo e acima do estado, para quem a segurança representa um sentimento além da mera sobrevivência.

A segurança deve ser pensada além dos estudos tradicionais de segurança. O 11 de setembro de 2001 mostra a falência explicativa dos estudos tradicionais e a necessidade de se pensar a segurança num quadro amplo e profundo de análise com capacidade de se empenhar no mundo social.

As teorias tradicionais, criadas para justificar opções políticas em contexto histórico próprio, como o período da Guerra Fria criaram quadros de análise estritos da realidade, focando-se essencialmente nos equilíbrios estratégicos, desprezando a dimensão social e separaram as esferas de atuação política, económica e securitária, pelo que oferecem visões enviesadas da complexidade da realidade social e por conseguinte da segurança.

O fenómeno da globalização tem impacto pernicioso para a segurança. Particularmente a globalização económica tem potencial para aumentar as desigualdades entre centro e periferia diminuindo possibilidades de emancipação e o sentimento de segurança das sociedades periféricas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHARYA, Amitav (1997) "The Periphery as the Core: The Third World and Security Studies" in Krause, Keith; Williams Michael C. (eds.) *Critical Security Studies: Concepts and Cases*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- BOOTH, Ken (ed.) (2005) *Critical Security Studies and World Politics*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.
- BOOTH, Ken (2007) *Theory of World Security*. New York: Cambridge University Press.
- BUZAN, Barry (1991) *People, States and Fear*. Second Edition. New York: Harvester Wheatsheaf.
- COX, Robert (1981) "Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory". *Millenium – Journal of International Studies*, vol. 10 (2), 126-155.
- DUFFIELD, Mark R. (2007) *Global Governace and The New Wars: the merging of development and security*. London: Zed Books.

- FIERKE, K. M. (2007) *Critical Approaches to International Security*. Cambridge: Polity Press.
- HUGES, C (2002) “Reflections on Globalization, Security and 9/11”. *CSGR Working Paper* N°105/02.
- KALDOR, M (2012) *New & Old Wars: organized violence in a global era, 3rd Edition*. Cambridge. Polity Press.
- KAY, Sean (2006) *Global Security in the Twenty-First Century: The Quest for Power and the Search for Peace*. Boulevard: Rowman and Littlefield Publishing Group, Inc.
- JONES, Richard W. (1999) *Security, Strategy, and Critical Theory*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.
- LYNN-JONES, Sean M.; MILLER, Steven E. (1995) *Global Dangers: Changing Dimensions of International Security*. Cambridge: MIT Press
- SMITH, Steve (2005) “The Contested Concept of Security” in Booth, Ken (ed.) *Critical Security Studies and World Politics*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.
- STIGLITZ, Joseph E. (2002) *Globalization and its Discontents*. New York: W.W. Norton & Company, Inc.

### **ÁLVARO A. MOREIRA DOS SANTOS**

Major de Artilharia. Adjunto do G3 na Brigada de Intervenção. Investigador Associado do CINAMIL - Academia Militar. Mestrando de Relações Internacionais, vertente de especialização: Estudos da Paz e da Segurança, na Universidade de Coimbra.